

O erotismo e o tempo

Luciana Estefno Saddi*

*Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.*
Hilda Hilst

*É preciso muita força para perceber a ligação
entre a promessa de vida, que é o sentido do
erotismo, e o aspecto luxuoso da morte.*
Georges Bataille

Uma paciente sonhara que seu filho pequeno estava dormindo em seus braços, aninhado em seu peito respirava pausadamente, exalando o frescor da infância misturado a hálito de baunilha. Sentia a entrega plena e inocente do garoto. Sentia força e poder sobre aquela vida que apenas desabrochava. Naquele instante cumpria-se a promessa de que eles jamais se separariam, eram eternamente um para o outro. Quando, de repente, o menino se transforma em uma cobra gigante que escorrega de seus braços e a penetra. A paciente goza e acorda muito assustada.

Em outra ocasião, a mesma paciente recorda que seu pai tinha o costume de entrar em seu quarto todas as noites, verificar se as janelas estavam bem trancadas, fechar a porta do banheiro e partir. Muitas vezes ela fingia dormir, esperando que ele fosse embora, em outras permanecia de olhos abertos e trocavam algumas palavras de boa-noite. Quando adulta, sabia que existia algum tipo de excitação nela criança, pois, ao fingir o sono, acompanhava todos os detalhes das ações do pai em seu quarto.

Um antigo paciente, muito perturbado, que havia cometido abuso sexual em algumas crianças, contra-argumentava que, apesar da culpa que sentia, achava não ter feito grande mal àquelas meninas; afinal, elas eram inocentes e não tinham idéia de que a masturbação que sofreram pelas suas mãos fosse algo de natureza sexual.

Em outra ocasião, esse mesmo paciente comentou que as meninas maiores, de doze ou treze anos, sabem o que é o sexo, de vez em quando o procuram, ele as bolina e depois elas partem fingindo que nada aconteceu. “Quando encontro mulheres em bailes, fico excitado, mas não sei o que fazer com elas, é tudo muito sujo e nojento.”

Outro paciente em idade avançada comenta os infortúnios da passagem do tempo: pênis flácido, diminuição do desejo, impotência e o pior de todos, segundo ele, nunca mais sentir o gosto de amar alguém verdadeiramente — para esse mal não há Viagra.

Os livros *A casa das belas adormecidas*, de Yasunari Kawabata, e *Memórias de mis putas tristes*, de Gabriel García Marquez, tratam dos problemas sugeridos nos primeiros parágrafos deste ensaio: virgindade, envelhecimento e pedofilia. O próprio García Marquez utiliza no início de sua novela uma citação do livro do escritor japonês. Poderíamos dizer que são obras que conversam entre si, carregadas de um erotismo desconcertante e inesperado, já que apresentam seus personagens principais, homens idosos, numa situação sexual inusitada: eles pagam para dormir com meninas nuas e virgens previamente narcotizadas, em sono profundo. Esse é o mote comum aos dois livros. E creio que há uma visão bastante próxima entre os dois autores, tanto a respeito da posição do homem frente à mulher quanto frente à menina-virgem como objeto de seu desejo. Mas indo além das muitas semelhanças entre esses belíssimos textos, o que cada um dos romances revela é uma maneira particular de compreender e questionar o erotismo¹ e o amor, que acredito repousar em suas respectivas culturas e em diferentes formas de tratamento do objeto amoroso.

Farei um breve resumo de ambos os livros. Desde já peço perdão ao leitor e aos escritores por esse “crime”, mas não poderei desenvolver as idéias anteriormente le-

* Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e pós-graduanda em Psicologia Clínica do Núcleo de Psicanálise da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1 Há divergência entre os estudiosos a respeito dos termos literatura pornográfica ou erótica. A palavra pornografia vem do grego *pórne*, “prostituta”, ou *pornós*, “prostituído”; denominando o campo da obscenidade, lida com o sexo de forma chula, grosseira e/ou satírica. O termo erótico, em geral, designa o campo do amor. No entanto, os campos se misturam de tal modo, propriedade intrínseca ao sexual humano, que poderíamos dizer que pornografia é sempre o erotismo do outro. Ver em: 1. Sant’Anna, A. R., O erotismo nos deixa *gauche*? In: Carlos Drummond de Andrade. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record, 1992; 2. Bueno, A., Introdução. In: Alexei Bueno (org.). *Antologia pornográfica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004; e 3. Costa, F. M., Introdução. In: Flávio Moreira da Costa (org.). *As 100 melhores histórias eróticas da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

vantadas nem argumentar sobre as questões que envolvem erotismo, amor, relação homem/mulher, impotência, envelhecimento, morte, virgindade e pedofilia sem lançar mão desse terrível recurso.

O livro *A casa das belas adormecidas* nos apresenta o personagem Eguchi, velho, 67 anos, indo, “à procura dessa extrema miséria da velhice”, deitar-se ao lado de uma jovem profundamente adormecida, por uma noite inteira, numa singular casa de prostituição para homens idosos que não contam mais com a virilidade de seus membros.

A linguagem de Kawabata coloca o leitor num clima onírico, tenso e angustiado: “o que a noite me reserva são os sapos, os cães negros e os corpos afogados”. O velho Eguchi sabia que caminhava a passos largos para a impotência da velhice, no entanto ainda era capaz de ter ereção. O leitor é convidado a entrar na dor, na tormenta e no desejo confuso desse homem, que quer e não quer uma mulher desperta ao seu lado. As questões se apresentam assim: o que um homem pode fazer com uma menina virgem narcotizada? Há mesmo diferença entre a virgem que dorme e o velho impossibilitado de acordar seu membro? Estamos diante de um paradoxo do tempo, unindo os opostos e destruindo as diferenças, o livro interroga sua passagem. Descreve as intensas perdas físicas e psicológicas do envelhecer, por meio de uma linguagem sensorial e de um especial domínio da narrativa.

Ao observar a primeira virgem, “uma menina inexperiente”,² ele sente cheiro de leite materno, adormece, sonha e recorda o primeiro amor de sua vida: paixão fogosa, havia deixado uma mancha de sangue no bico do seio dessa primeira namorada. Inocência do primeiro amor, misturada ao leite materno, ao sangue das paixões viris e ao nascimento de suas filhas. Eguchi é tomado por um intenso desejo de defloramento, re-freado pela beleza da juventude virgem, intacta da ação do tempo e pelo intenso sono da jovem. Há vampirismo no ar.

Ao dormir com a segunda menina, “mais experiente” e mais sensual, é tomado por lembranças e sonhos primaveris, fertilidade, frutos, flores e filhas. Também rondam em sua mente o incesto, a pedofilia, o amor platônico, as separações e a certeza angustiante de não ter sido capaz de dar conta da “imensurável amplitude do sexo”. A menina muda, inerte num sono de narcótico, “seria uma eterna liberdade para os velhotes”. Os opostos das condições de virgindade e envelhecimento se fundem num espelho, já não sabemos quem é o vivo ou

o morto. Quando é que a putrefação dos corpos tem início e como o envolvimento sexual, “estar nos braços de uma mulher”, pode atenuar esse irreversível sentimento? Há pureza e degradação no ar.

O velho Eguchi não pode mais evitar o estranho prostíbulo, não pode deixar de lado o maligno, a força arrebatadora da morte e do sono profundo, o gozo intenso, o pecado e a salvação. As parceiras mudam a cada visita, e, quanto mais atraente e experiente for sua companheira de dormir, maiores são os sentimentos de transgressão das regras da casa (não tocar as meninas). A narrativa evolui num crescente de angústia e medo para o leitor. O personagem é apresentado na intimidade de seus pensamentos e recordações, que ressuscitam, inclusive, o fantasma da culpa pela morte da própria mãe.

Estamos diante de figuras femininas embaralhadas: mãe, esposa, amantes, filhas, meninas virgens e inertes, crianças prostitutas. Embaralhadas também estão a passividade, a impotência, a virilidade, o sonho e a realidade, os mistérios da vida e da morte. Interdição e transgressão. O leitor é oprimido, é envolvido num suspense que atrai e repugna. O final do livro é ainda mais desconcertante do que seu estranho início.

A linguagem de Kawabata é finamente trabalhada, suas descrições possuem força e beleza incomum, ao brincar com os elementos eróticos do imaginário cotidiano, os transforma em pesadelos extravagantes. Vale a pena ler o livro. Destaco, neste meu pequeno “crime” de contá-lo de forma abreviada, os traços e as figuras do erotismo que me interessam discutir. Por isso peço ao leitor, de novo, que atenuie meu delito, até mesmo porque o coloco diante de delitos ainda maiores.

Memórias de mis putas tristes nos apresenta um velho senhor que, às vésperas de completar noventa anos, é arrebatado por um intenso desejo: dormir com uma menina virgem. Telefona para uma antiga e conhecida cafetina, faz seu pedido incomum, é atendido, paga o preço exorbitante por essa extravagância sexual e inicia um movimento de recordação e investigação de sua própria vida amorosa e sexual. Nunca havia amado, servira-se de prostitutas com intensa frequência, enquanto seu corpo permitiu, em suas sábias palavras: “Mi edad sexual no me preocupo nunca, porque mis poderes no dependiam tanto de mí como de ellas, y ellas sabem el como y el porqué cuando quierem”.

Esse ancião também mantivera relações sexuais totalmente desprovidas de carinho, por longos anos, com sua empregada doméstica, uma garota bem jovem. E

2 A senhora que atende o velho Eguchi no prostíbulo classifica as meninas desta maneira: com menor ou maior experiência em dormir narcotizada com os idosos.

quase se casou atraído unicamente pela beleza exemplar da noiva, mas fugiu do altar no dia da cerimônia. Poderíamos resumi-lo dizendo: ele nunca se vinculou a nada nesta vida, nem sequer a um bicho de estimação. Luxúria, egoísmo, avareza, além de um fino humor quanto à condição de envelhecer, seriam suas marcas, registradas em uma vida quase banal, se não fosse ele um escritor, jornalista e leitor bastante inteligente, porém desprovido da capacidade de emocionar seus leitores.

E não é que ele se apaixona, pela primeira vez em sua vida, justamente pela pobre menina trabalhadora, cansada, sonolenta, vendida por sua família miserável para um prostíbulo refinado? Justo agora que o amor carnal está distante de seu membro viril, justo agora que a morte dele se aproxima impiedosamente. Não pensa mais em dinheiro, exige e paga por exclusividade, não mede esforços para se deitar com aquela quase criança desprotegida. Sente ciúmes, ódio, tem fantasias de traição — enfim, está vivo.

Concomitantemente a essa paixão intensa, ele reencontra as mulheres que tiveram alguma importância em sua vida e, tomado pelo desejo de saber o que havia feito a elas e a si mesmo, investiga seu próprio passado amoroso. Embora a palavra *amor*, antes daquele encontro arrebatador, tivesse apenas o sentido de uma boa noite de sexo num prostíbulo e num jantar. O ancião se transforma num garoto apaixonado, faz loucuras e, em nome desse sentimento tão poderoso, capaz de ofuscar a opressão da morte e do envelhecimento, torna-se um bom escritor e um bom homem.

O amor é salvação. O erotismo apresentado por García Marquez é ligação, cuidado, paternidade e proteção. Menina e velho mergulham nas águas de sono, de amor e de paz — quem salva quem? Quem deles está mesmo mais próximo da morte? Miséria em relação aos recursos materiais e emocionais, exclusão, prostituição, degradação, envelhecimento assemelham o casal inusitado. Os fantasmas da morte e da solidão, tomados aqui como sinônimos, são definitivamente afastados desse homem que “adota” e “ama” uma mocinha que é filha, virgem, carente de pai protetor e mulher, “amante” no companheirismo de longas e tranquilas noites de sono.

Ao final do livro, o leitor é contagiado pelo amor, pela paixão e pela ternura. E tal qual o personagem ancião do escritor latino, também quer viver urgentemente o incrível poder de renascimento que o amor apaixonado e a filiação conferem aos corações e às almas cansadas da vida.

Costumamos dizer que o sono infantil é o sono dos anjos, os adultos o invejam e atribuem bastante valor a essa tranquilidade. Mas é freqüente acontecer — e sabemos que algumas crianças pequenas têm medo de

adormecer — de crianças acordarem no meio da noite assustadas por pesadelos e terrores inomináveis. Os velhos e os doentes também lutam contra o sono, o medo de não mais acordar os assola, angústias impronunciáveis aproximam o idoso do bebê. Popularmente falamos da morte como o sono eterno e desejamos ao morto — que descanse em paz! Ficamos de mãos dadas com as crianças, contamos a elas histórias universais, histórias que nos foram contadas antes, transgeracionais, para que sintam pertencer, para que saibam que existe uma continuidade do grupo humano. Dormir em paz nos faz esquecer a descontinuidade da vida, e ao mesmo tempo nos coloca o mais próximo possível, como viventes, da própria morte.

Há ainda uma questão sobre a relação adulto/criança que os autores embaralham de maneira interessante, pois a situação de dormir com as jovens alivia a angústia de morte dos velhos. De tal modo que já não podemos mais saber quem é a criança que precisa de companhia na pior das horas e quem é o adulto que as coloca para dormir.

A posição tanto da virgem como do velho nos dois livros se assemelha. A primeira nada pode saber, narcotizada e virgem, sobre aquilo que é seu futuro: as irreversíveis perdas da vida, a decrepitude e a morte. O velho procura esquecer, procura a paz de uma noite “tranqüila” de sono, procura vampirizar a vida de quem ainda não sofreu a erosão do tempo, para evitar o que já sabe, seu estado de decomposição anunciado pela impotência e pelas perdas inegáveis das forças de seu corpo, da vontade e do motivo para viver. Ambos se cegam e se agarram na luta desesperada pela negação da vida, indissociável da morte. E renascem à beira do fim. Encontram-se no exato lugar onde viver e morrer nascem. A virgem e o velho dormindo juntos representam e são o próprio orgasmo. Está é a proposta, desconcertantemente erótica, sagrada, dos dois autores.

Estamos também diante de um dos paradoxos propostos pelos escritores, já que a morte e o gozo — tendo o poder de eliminar a passagem do tempo, o torna absoluto — são evitados, os personagens quase não se tocam, em troca de uma morte menor: uma noite inteira de sonhos bem dormidos, a própria vida.

Bataille (1957/2004), em seu ensaio *O erotismo*, discorre sobre as duas interdições universais aos homens: a morte e o sexo, representantes da violência. Ele afirma que a primeira interdição humana e histórica expressa pelos rituais que ocultam o cadáver testemunha a violência e a desordem que destrói a todos nós. É preciso evitar o contágio com a decomposição e com a putrefação: nosso destino inelutável. Quanto à segunda interdição, o sexo em sua dimensão erótica, carrega o excesso e

acarreta a perda do Eu. Portanto, Erotismo e Morte devem ser ritualizados, devem ser domesticados de sua selvageria, sofrendo a interdição em nome da manutenção da vida de trabalho humana. Mas não há interdição sem transgressão. Decorre dessa afirmação que as transgressões como o sacrifício, a guerra, o canibalismo e o sexo são ritualizados e permitidos quando as forças de destruição são conjuradas em nome do sagrado, transcendendo a náusea e a angústia. “O que é notável na interdição sexual é o fato de ela se revelar plenamente na transgressão” (Bataille, 1957/2004, p. 168).

Ora, a transgressão proposta pelos dois autores — a pedofilia mais que simbólica, narrada com bastante intensidade — nos coloca diante do sacrifício sagrado das belas virgens de tempos imemoriais. O prazer misturado ao mistério, condenado e proibido, é liberado apenas para aquele que se encontra a um passo antes da própria morte. Como todo e qualquer condenado, para quem é concedido um desejo irrecusável na noite anterior a sua execução. O grupo humano sempre permitiu exceções; a transgressão, na situação apresentada nos romances, adquire o aspecto de consolo. Embora na condição de extremo desamparo se encontrem tanto a virgem narcotizada e prostituída como o velho, ambos necessitam dessa paralisia no relógio do tempo. E o sacrificado goza dos privilégios da situação tanto quanto aquele que o sacrifica.

Mas a pedofilia também problematiza a situação universalmente desproporcional levantada pela relação mulher e homem, uma relação de poder invertido. O terror fantasiado ou real da impotência masculina diante de seu objeto de desejo é apaziguado pela menina que nada sabe sobre o sexo — portanto, não poderá comparar a performance de seu companheiro — e que se encontra a um passo antes da própria morte, incapaz de perceber o medo e o desejo que causa aos homens: a mulher inerte. Seria essa a mulher ideal? A mulher que homem nenhum teme? Que nada exige, que apenas o acompanha sem jamais questionar sua fragilidade? Viva, porém totalmente passiva e ignorante do sexo: a criança do senso comum, a criança pré-freudiana, para um homem que só assim poderá se sentir o todo-poderoso?

Poderíamos pensar que quem de fato tem o poder é o pedófilo, mas ele o tem, somente, na medida em que está apavorado pelo poder extremo de sentir o desejo e, diante de uma mulher, nada saber fazer com ele. Invertendo os sinais do poder para o objeto, ele o anestesia, diluindo sua força, para fazer frente à sua pequenez. É a própria desordem criada pelo sexo que deve ser negada, por meio da diminuição do objeto do desejo a um ponto tolerável, sua quase-inexistência.

Nos dois livros temos personagens semelhantes: mulheres — meninas puras e passivas — que estão em condição de despertar nos personagens masculinos sentimentos extremamente poderosos, tanto o amor, que por si só é arrebatador, como a violência intrínseca ao desejo. O escritor japonês e o latino concordam, por caminhos diferentes, sobre esse poder que a mulher/desejo possui de enlouquecer os homens. As semelhanças, entretanto, param por aqui, porque o destino dado a esses sentimentos será bem diferente.

Gabriel García Marquez convoca o amor filial para aplacar essa violência. Ele convoca a ligação com uma mulher/menina específica, um casamento sagrado, sem sexo, e constrói um altar para adorar sua virgem, para ter um lugar seguro, longe da solidão e do medo. A Virgem Mãe de todo bom cristão. A filha virgem necessitada da proteção dos bons pais. Constrói uma incrível fusão das imagens de mãe e filha, eliminando a imagem da mulher, para alcançar a paz e o sossego do amor.

Já Kawabata leva o velho Eguchi em direção ao profano, à troca de parceiras, à orgia, ao descontrole violento que o erotismo conjura e que tanto se aproxima da morte. Esse personagem parece estar emaranhado em seus próprios sonhos, desejos e recordações, é auto-referente e extremamente solitário, está compulsivamente entregue à miséria de envelhecer. Sem consolo real ou imaginário, é colocado diante do vazio insondável que é viver — talvez o sexo, em sua juventude, tenha podido distraí-lo, disfarçando e atenuando a inexorabilidade do tempo, a mortalidade contínua que é viver. Contudo, quando é colocado diante do desejo e da impotência do gozo, o personagem explode em violência.

Creio que os autores nos revelam diferenças culturais importantes: o sagrado do escritor latino bane a obscenidade, a repugnância e a atividade sexual que leva essencialmente o homem cristão à fraqueza. A puta é mártir, depois santa. Sua pureza purifica o velho pecador, tornando-o quase um santo. Quando o sexo é exilado, o amor se torna salvação. Esse é o caminho cristão que tolera o êxtase em nome de Deus ou de algum santo, o êxtase é religioso. Estamos diante da purificação do sexo. O cristianismo reconhece a sua violência, a sua intrínseca força de morte, mas, quando ofertado a Deus, é permitido e glorificado, porque se torna espiritual e alcança a tão almejada amputação da carne.

Para o escritor japonês, a carne jamais é amputada. É vivenciada com toda a sua força, em nome da honra, nos sacrifícios exemplares, nos haraquiris, nos atos camicases e na prostituição ritualizada das gueixas. Ela está lá, quieta, dormindo ao seu lado, anseia e provoca.

Corpos de meninas desconhecidas, puros corpos lotados de uma força desconcertante, a força do sexo. A tribo primitiva que em dia de festa revive as orgias e o canibalismo, que vive em todos nós. A carne continua a torturar o homem, que mesmo impotente, ainda é sua presa. Nada pode fazer para se livrar do desejo, nem a morte do objeto pode salvá-lo dessa doce luxúria, de sua curiosidade, de seu ímpeto ancestral pela fusão dos corpos. O profano jamais é abolido por sacrifício algum. Mais uma de nossas misérias que, somadas à morte, ao envelhecimento e à putrefação, colocam o homem diante de seu terrível destino: somos apenas carne e nenhum espírito pode nos consolar dessa condição. “O que o ato de amor e o sacrifício revelam é a *carne*” (Bataille, 1957/2004, p. 143).

Referências

- Bataille, G. (1957). *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.
 García Márquez, G. (2004). *Memória de mis putas tristes*. Buenos Aires: Sudamericana.
 Kawabata, Y. (1960). *A casa das belas adormecidas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

Resumo

A autora trata de problemas como virgindade, pedofilia, envelhecimento e relação homem/mulher, sugeridos nos romances *A casa das belas adormecidas*, de Yasunari Kawabata, e *Memórias de mis putas tristes*, de Gabriel García Marquez. Parte da idéia de que os livros possuem um mote comum: seus personagens principais, homens idosos, se apresentam numa situação sexual inusitada, em que pagam para dormir com meninas nuas e virgens previamente narcotizadas, em sono profundo. E de que ambos revelam formas particulares de compreender o erotismo e o amor, de tratar o objeto amoroso e de lidar com o sagrado e com o profano, que a autora acredita repousar nas culturas nipônica e latina, respectivamente.

Palavras-chave

Envelhecimento. Erotismo. Objeto amoroso. Pedofilia. Virgindade.

Summary

Erotism and time

The author deals with issues such as virginity, paedophilia, ageing and male/female relationship as suggested in the books *A casa das belas adormecidas*, by Yasunari K., and *Memórias de mis putas tristes*, by Ga-

briel García Marquez. It starts out assuming the idea that these romances have a common motto: their main characters are elder men who live an unusual sexual situation, in which they pay to go to bed with nude girls and previously drugged virgins, in deep sleep. They both reveal specific ways of understanding erotism and love, treatment towards the object of love and dealing with the sacred and the profane, that the author believes lies in their respective cultural background: oriental and latin american.

Key words

Ageing. Erotism. Object of love. Paedophilia. Virginity.

Luciana Estefno Saddi

Praça Morungaba, 66 — Jardim Europa

01450-090 — São Paulo — SP

Tel. 11 3082-4986

lusaddi@uol.com.br